

Toponímia em Sergipe para o ensino da língua portuguesa: laboratório de escrita

L. P. da S. Ferreira & W. J. Bernardo-Santos²

Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil

lucaspazoline@live.com , wjames@uol.com.br

(Recebido em 31 de agosto de 2010; aceito em 20 de dezembro de 2010)

O processo de Redemocratização (1980/90/00) ainda provoca intensos debates acadêmicos, tendo em vista que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 1997) legitimaram mudanças para o ensino. Diante disso, vê-se a relevância de se tomar o texto enquanto mapa de cidade considerando estudos sobre enunciação-histórica e discurso e estabelecendo o texto enquanto suporte gráfico, no estudo da toponímia. O estudo de textos jornalísticos, aliado às leituras teóricas específicas para a problemática, permitiu pôr a noção de topografia textual em funcionamento. Por fim, compreende-se que essa perspectiva para o ensino de língua materna é decisiva para o desenvolvimento de práticas leituras e escritoras.

Palavras-chave: Toponímia, Ensino, Língua Portuguesa.

Le processus de démocratisation (1980/90/00) provoque toujours intense de débats universitaires, étant donné que le droit des directives et des bases (LDB, 1996) et l'Office national des programmes d'études de paramètres (PCN 1997) changements légitimé pour l'éducation. Ainsi, on voit l'importance de prendre le texte tel Plan de la ville envisage des études sur l'énonciation et du discours-historiques ainsi que d'établir le texte comme support graphique dans l'étude de la toponymie. L'étude des textes journalistiques, combinée avec des lectures théoriques spécifiques à la problématique, a permis de mettre la notion de la topographie de fonctionnement textuel. Enfin, il est entendu que cette approche de l'enseignement de la langue maternelle est cruciale pour le développement de pratiques de lectures et d'écrivains.

Mots-clés: toponymie, de l'éducation, le portugais.

1. INTRODUÇÃO

O processo de Redemocratização (1980/90/00) é um marco na história do país. No tocante ao ensino da língua portuguesa, mesmo hoje, provoca intensos debates acadêmicos. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 1997) vieram legitimar mudanças para o ensino. Diante dessa legitimação, considerando estudos sobre enunciação-histórica e discurso e estabelecendo o texto enquanto suporte gráfico, o esta artigo objetiva tratar um modo específico de leitura e escritura para o ensino de língua portuguesa em Sergipe.

As noções teóricas se apresentam neste artigo a partir da especificidade dos problemas encontrados. Nesse sentido, torna-se essencial considerar o texto enquanto o lugar material em que a relação discurso/ideologia/efeito produz efeitos — através da textualização da linguagem — (ORLANDI, 2001); trabalhar as ideias de gramatização e razão gráfica (AUROUX, 1998), concepções que destacam a escrita enquanto possibilidades que são interditadas a linguagem oral, já que “uma gramática [*enquanto escrita*, grifo nosso] prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de forma que não figuram juntos na competência de um mesmo locutor (p. 69, 1992).

Operando com uma noção histórica de enunciação a partir da projeção, sobreposição e integração de sentidos, tendo em vista os “acontecimentos” de linguagem (GUIMARÃES, 1996, 2002), problemas relacionados à leitura e escritura são analisados, considerando que a escrita intervém de modo decisivo nos processos. A constituição do sujeito em formas próprias a partir da escrita (BERNARDO-SANTOS, 2007, 2008, 2009) deve ser compreendida enquanto

objeto da reflexão de quaisquer textos. Logo, põe-se em questão entender todo texto em uma ordem gráfica.

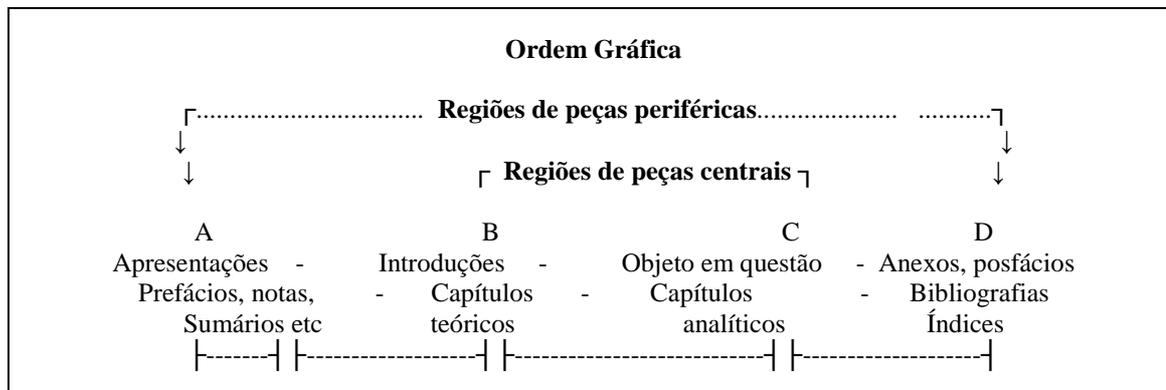


Figura 1: Modelo clássico de exposição de estudos.

Tratando-se dos processos de leitura e de escritura, a relação entre enunciação, discurso e a intervenção da escrita, a partir da resposta e problematização dos efeitos de sentido decisivos ao objeto em questão (texto), permite-se certo avanço no debate. Porém, faz-se necessário articular tais processos à dimensão da escrita na cidade, vendo-se a relevância de se tomar o mapa como texto, enquanto território gráfico, ou, no tocante a este artigo, o texto como mapa. Traçando um perfil teórico que envolve (re)significação de vocábulos historicamente (STAROBINSKI, 2001); estudos sobre a formação das nações indo-européia a partir de suas representações através dos nomes (BENVENISTE, 1995). São estas então, algumas posições teóricas que esboçam diferentes filiações teóricas referentes à concepção de linguagem, incluindo, como se vê, textos do debate acadêmico nacional contemporâneo.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

De uma parte, a metodologia adotada na pesquisa levou em consideração o estudo da toponímia, relação entre nomeações na cidade, procurando ver a relevância de se tomar o mapa como texto, enquanto território gráfico. A partir disso, ainda no projeto, prevendo a elaboração de materiais didáticos para o ensino de língua materna, esboçando modos específicos de tratar textos para uso didático, temos três planos (Pilotos A, B e C) que embora distintos em relação ao tipo de texto que trabalham, articulam-se, pontuando, assim, a unidade do projeto. Os pilotos A¹ e B² trabalharam a toponímia em Aracaju/SE, respectivamente, nos bairros Jabotiana e Jardins.

Por conseguinte, o Piloto C, que é o centro de interesse desse artigo, toma o texto enquanto mapa de cidade e, como nos planos anteriores, considera o sujeito autor da leitura e da escritura.

O estudo de textos jornalísticos³ e a coleta e tratamento (categorização e análise) dos dados: mapas, fotos, literatura, entre outros; aliados às leituras teóricas já apresentadas, permitiram pôr a noção de topografia textual (região/território) em funcionamento num processo de pesquisa (estudaram-se textos produzidos por alunos em curso da disciplina Produção e Recepção de Textos I/2010.1 – curso ministrado pelo Coordenador da pesquisa Prof. Dr. Wilton James Bernardo-Santos), esboçando a relevância de se considerar o espaço gráfico cuja finalidade é o

¹O piloto A, desenvolvido pela pesquisadora Elúzia Lisboa da Cruz, estuda a toponímia do bairro Jabotiana considerando textos de ficção (contos, romances, letras de músicas, poesia) de escritores e compositores sergipanos como Antônio Carlos Viana, Francisco Dantas, etc.

²O piloto B, desenvolvido pela pesquisadora Vitória Eugênia Oliveira Pereira, trabalha a toponímia sergipana através do estudo dos nomes em bairros e ruas, ou seja, textos de não-ficção, mais especificamente, o mapa.

³ Publicações do *Jornal de Resenhas* da Folha de São Paulo on-line

desenvolvimento de competências leitora e escritora. Nesta etapa, o material produzido foi categorizado de acordo com a autoria e as versões apresentadas, visando descrever os principais problemas.

No tocante ao trabalho com o texto jornalístico, este artigo apresenta um modo específico de tratar o texto, visando principalmente os aspectos da textualidade, que contribuem para o desenvolvimento da noção de texto em discussão. Como material exemplificativo, tomou-se uma resenha trabalhada no projeto em questão a fim de elucidar a necessidade de encaminhar de forma mais efetiva esse tipo de trabalho com leitura e escrita ao ensino da Língua Portuguesa nas instituições escolares.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma vez em funcionamento a pesquisa, os estudos das práticas de leitura e de escritura permitiram compreender problemas que, no fundo, relacionam a dimensão do texto enquanto regiões gráficas à noção de autoria. Ou seja, foi perceptível que quando o sujeito se constitui enquanto autor, “dono” do texto, de um território, assim como *mapeador* de espaço textual, o mesmo se coloca num plano eficaz à leitura e escritura. Vejamos apenas um exercício de prática de leitura.

*

O curso reservou sete textos do *Jornal de Resenhas*. O fato crucial do exercício é que os textos foram disponibilizados na forma capturada on-line. Ou seja, a formatação não inclui margem e demarcações de parágrafos. Nesse sentido, o exercício de leitura é justamente “encontrar” essas divisões. Essa prática mobiliza o leitor na linearidade gráfica em gestos que vão à frente e retornam em busca das divisões. De tal modo que o aluno é posto em condições de autoria da escritura posto que põe em xeque as divisões do texto.

Essa prática também permite demonstrar que o texto é, sobretudo, relação entre regiões. Desde a relação entre palavras, orações, períodos, parágrafos e áreas objetivamente demarcadas ou não pelo autor.

Procuramos mobilizar o aluno na direção de considerar o lugar do texto que vem nele próprio assinalado: jornal x com data, autoria, objeto (livro resenhado), nome (título) do texto; tudo isso tem lugar próprio de enunciação: são as regiões periféricas. Também foi possível demonstrar como a autoria opera fundamentalmente fazendo análise, ou seja, separando as diferentes regiões do objeto (no caso, o livro resenhado) para melhor compreendê-lo em sua totalidade e, por outro lado, estabelecendo relações com exterioridades. De sorte que a prática procurou articular as dimensões mais locais do texto a esferas mais globais.

Assim, trazemos algumas questões básicas como resultado a ser sistematizado no plano mais amplo da pesquisa:

- a) A categoria Topografia textual (regiões/territórios do texto) é eficaz no sentido de mobilizar a autoria do leitor? Quais são os principais efeitos de sentido produzidos na prática proposta?
- b) Que sujeito próprio do ensino brasileiro contemporâneo está aí historicamente constituído na instabilidade das relações?

4. CONCLUSÃO

É importante ressaltar que em trabalhos como esse, envolvendo enunciação histórica e estudos toponímicos, atentou-se para o estudo do processo de designação, sistematizando questões centrais relativas à noção de texto, a partir de um percurso de leitura teórica em

diferentes filiações. Concebendo o texto enquanto território gráfico, fez-se pensar sobre o conhecimento histórico estabelecido pela linguagem, através de exercícios de leitura e escrita, como evidenciados na análise dos textos jornalísticos. Sendo o projeto no qual este artigo é vinculado uma proposta nova para o ensino, torna-se tendenciosa uma visão de que há carência de justificativas mais consistentes para o que foi exposto. Por outro lado, a pequena mostra nesse trabalho se coloca como dado que auxilia o preenchimento das lacunas nos estudos sobre a noção de texto, mais especificamente, o texto concebido enquanto território gráfico.

-
1. ORLANDI, E. & GUIMARÃES, E. “Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito”. In: *Discurso e leitura*. São Paulo, SP, Cortez/Editora da Unicamp, 1988.
 2. SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª ed. rev. e ampl. São Paulo, SP, 2000.
 3. ALVES, F. J. *Toponímia, textos teóricos e estudos empíricos: uma compilação*. Aracaju, 2008.
 4. AUROUX, S. *A Revolução tecnológica da Gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
_____. *Filosofia da linguagem*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
 5. BENVENISTE, E. “Cidades e comunidades”. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas-SP: Pontes, 1989.
 6. BERNARDO-SANTOS. *Intervenção da escrita: um estudo do político enunciativo na institucionalização da Lingüística Moderna no Brasil*. Tese (doutorado). Orient. Prof. Dr. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2008.
_____. “Intervenção da escrita: uma nota para o esquecimento em *Raízes do Brasil*”. In: http://www.revistalinguas.com/edicao21/revista_linguas_21.pdf, 2009.
_____. “Europa e África: o entretanto da língua nacional em Casa Grande & Senzala”. In: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/viewFile/254/216>, 2007.
_____. “Intervenção da escrita: enunciação e razão gráfica. In: Corrêa, Bezerra & Cardoso. *O texto em perspectiva*. São Cristóvão, SE, Editora da UFS, 2009.
 7. GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP, Pontes, 2002.
 8. ORLANDI, E. “O estatuto do texto na história da reflexão sobre a linguagem”. In: *Discurso e texto*, Campinas, São Paulo, Pontes, 2001.
 9. STAROBINSKI, J. “A palavra civilização”. In: *As Máscaras da Civilização*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
 10. *Jornal de Resenhas*. São Paulo, sábado, 13 de março de 2004. In: WWW.uol.jornalderesenas.com.br